

OXIGÊNIO

JULHO 2021



NÚMERO 23

CENA
CONTEMPORÂNEA:
UM DOS MAIORES
FESTIVAIS DE
ARTES CÊNICAS
DO BRASIL



Com uma programação destinada a refletir questões fundamentais como respeito, democracia e preconceito, a matéria de capa desta edição da Oxigênio traz o 22º festival do Cena Contemporânea, um dos maiores eventos de artes cênicas do país. Os espetáculos, virtuais e gratuitos, contam com a participação de artistas do Brasil e de vários países.

Para não perder nenhuma apresentação, não dê sopa: prepare pelo menos uma das três receitas quentinhas e cremosas que sugerimos para esquentar esses dias de inverno. Acompanhadas de um bom “vinho com alma”, melhor ainda. Se não sabe o que é, não se preocupe, explicamos tudinho.

A mostra de Erika Verzutti no MASP, os cursos que o Parque Lage oferece a partir do dia 5, e as visitas exclusivas para grupos de até oito pessoas no MAM RJ são boas escolhas para o universo das artes plásticas, que se completa com o olhar feminino nas galerias de Londres.

E não perca a oportunidade de aprender como viajar num gulet pelos mares da Croácia. Afinal, sonhar não custa nada.

Boa leitura!

O ÍNDICE

- 04 **OXIGENE:** MAM Rio oferece visita exclusiva às exposições para grupos de até oito pessoas | Mais de 20 cursos livres online, a partir do dia 5, na EAV Parque Lage
- 10 **TEATRO:** 22ª Edição do Cena Contemporânea acontece de 1º a 10 de julho em formato totalmente visual e gratuito
- 16 **TURISMO:** De *gulet* pela Croácia
- 23 **BEBIDAS:** “*Vinhos com alma*” traz ao público brasileiro rótulos com propósitos e significados marcantes
- 26 **GASTRONOMIA:** Sopas de inverno – receitas práticas e especiais para “esquentar” os dias frios
- 29 **ARTE CONTEMPORÂNEA:** MASP apresenta individual de Erika Verzutti
- 33 **DIRETO DE LONDRES:** O olhar feminino nas galerias da capital inglesa

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742

Editora: Ana Ligia Petrone

Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato

Colaboradora: Antonella Kann

Colaboração especial: Daiana Castilho Dias

(21) 3807-6497 / 97326-6868 | oxigeniorevistabr@gmail.com | www.oxigeniorevista.com

ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.



Fachada, Vista Noturna da Laje do Bloco Escola
Foto: Fabio Souza

MAM RIO OFERECE
VISITA EXCLUSIVA
ÀS EXPOSIÇÕES
PARA GRUPOS DE
ATÉ OITO PESSOAS

- *Exposição “Estado Bruto”.*
- *Coleções*
- *Arquitetura*
- *Família*

As visitas ocorrem antes do horário de abertura para o público e estão disponíveis em dois horários, às 10h e 11h30, às quintas e sextas-feiras, seguindo todos os protocolos de segurança sanitária. Com ingresso a preço único, o grupo terá direito a reserva no estacionamento e acompanhamento de educadores, que irão propor circuitos de visita previamente escolhidos

PERCURSOS DISPONÍVEIS

PARA AS VISITAS EXCLUSIVAS:

1. Exposição

Visita aprofundada à exposição “Estado Bruto”.

2. Coleções

Aspectos gerais das coleções e exposições do MAM Rio.

3. Arquitetura

Um percurso através da arquitetura do edifício MAM, da história do patrimônio cultural do museu, jardins e entorno.

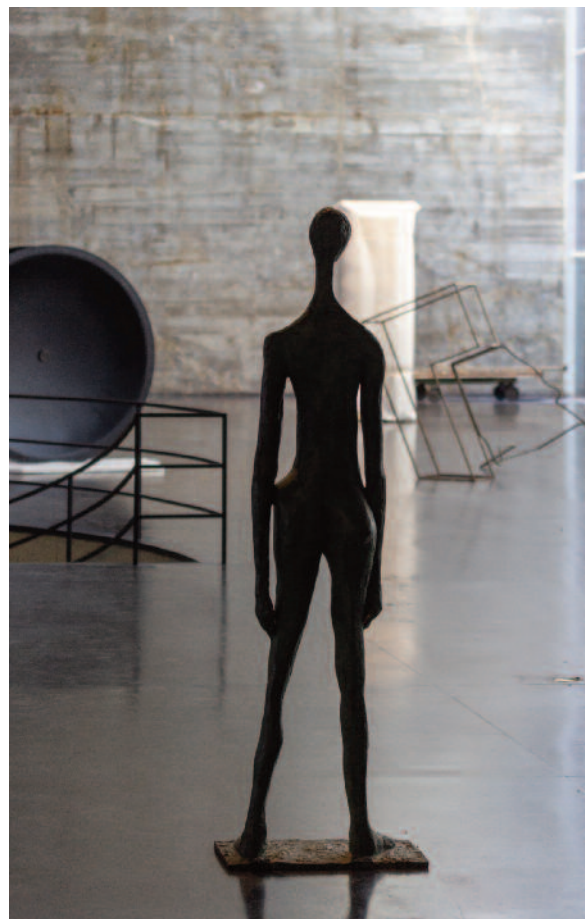
4. Família

Crianças e familiares visitam o museu com abordagem voltada à experiência entre gerações.

Agendamento em www.mam.rio/ingressos

A EXPOSIÇÃO “ESTADO BRUTO”

A mostra transforma a totalidade do Salão Monumental e algumas áreas do terceiro andar numa espécie de jardim de esculturas. Reunindo 125 obras tridimensionais do acervo, entre elas 24 peças não exibidas há mais



Exposição *Estado Bruto*

Foto: Fabio Souza

de 20 anos, a exposição explora as possibilidades deste encontro e a unidade que dele resulta. O conjunto selecionado – de 106 artistas de diferentes épocas, geografias e linguagens – revela a abrangência e a diversidade das coleções do museu.

Com curadoria de Beatriz Lemos, Keyna Eleison e Pablo Lafuente, a exposição assume a configuração de uma *multitude* e suscita reflexões sobre os processos de colecionismo, conservação e compartilhamento de arte por parte de instituições com seus acervos.

Diferentes poéticas de artistas como Amilcar de Castro, Alberto Giacometti, Auguste Rodin, Angelo Venosa, Celeida Tostes, César, Cildo Meireles, Constantin Brancusi, Franz Weissman, Lina Kim, Lydia Okumura, Lygia Clark, Márcia X, Maria Martins, Mestre Didi, Nelson Leirner, Nuno Ramos e Tunga se agrupam de modo a criar paralelos entre o espaço expositivo e a reserva técnica. Com a visão do conjunto, será possível apreciar o volume gerado pelos processos de acúmulo patrimonial, favorecendo a reflexão sobre os efeitos que esses processos têm na escrita ou no esquecimento de histórias sobre arte e cultura.

SOBRE O MAM RIO

O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), fundado em 1948, está construído no tripé *arte-educação-cultura*. Seu acervo de cerca de 15 mil obras forma uma das mais importantes coleções de arte moderna e contemporânea da América Latina. O museu realizou inúmeras exposições que marcam até hoje as expressões e linguagens das artes visuais e abrigou múltiplos movimentos artísticos brasileiros.

O MAM Rio é uma instituição cultural constituída como uma sociedade civil de interesse público, sem fins lucrativos, apoiada por pessoas físicas e por empresas, que tem atualmente, como parceiro estratégico, o Instituto Cultural Vale e como patrocinador master o Grupo PetraGold, a Petrobras e a Ternium.

SERVIÇO

Exposição *Estado Bruto*

Curadoria:

Beatriz Lemos, Keyna Eleison e Pablo Lafuente

Até dia 11

MAM Rio

End: Av. Infante Dom Henrique, 85

Aterro do Flamengo - Rio de Janeiro

Tel: (21) 3883-5600

<https://www.mam.rio/>

Instagram: @mam.rio

Horários:

Quinta e sexta, das 13h às 18h

Sábado e domingo, das 10h às 18h

Ingressos:

Contribuição sugerida, com opção de acesso gratuito.

Adultos: R\$ 20

Idosos, crianças e estudantes: R\$ 10

Ingressos on-line: www.mam.rio/ingressos



Exposição
Estado Bruto
Obra de Marcia X
Foto: Fabio Souza



EAV Parue Lage

Foto: Felipe Azevedo

MAIS DE 20 CURSOS LIVRES ONLINE, A PARTIR DO DIA 5, NA EAV PARQUE LAGE

Os cursos, de curta duração, são voltados a pessoas interessadas em se aproximar ou aprofundar conhecimentos e práticas em artes visuais. Anna Bella Geiger e Fernando Cocchiarale são alguns artistas participantes

Com foco em arte contemporânea e recortes temáticos variados que investigam múltiplas linguagens, os cursos (práticos ou teóricos) realizados pela *Escola de Artes Visuais do Parque Lage* — referência na América Latina no desenvolvimento de experimentações artísticas e

pedagogias inovadoras — têm duração de quatro a oito aulas. Além disso visam implementar a investigação de técnicas, artistas, movimentos históricos e correntes teóricas de relevância para a contemporaneidade e a elaboração de novos processos artísticos.

PROGRAMAÇÃO

Cartografias, redes e práticas de localização, com Cristina Ribas e Lucas Icó
De 5 a 26, segundas, das 17h às 19h

História e processos da arte, com Paulo Couto
De 5 a 28, segundas e quartas, das 19h às 22h

Cor e Forma – Versão intensiva, com Bernardo Magina
De 5 a 14, segundas e quartas, das 18h às 21h

Luz e cena, com Iza Valente e Rogério Emerson Magalhães
De 5 a 28, segundas e quartas, de 19h às 21h

4 exercícios sobre o desenho de representação, com Chico Cunha
De 5 a 26, segundas, das 19h às 21h

Questões pontuais da arte contemporânea, com Anna Bella Geiger e Fernando Cocchiarale
De 5 a 28, segundas e quartas, das 19h às 22h

Fotografia iniciante, com Thiago Barros
Introdução à videoarte, com Marcos Bonisson
De 6 a 27, terças, das 19h às 21h

Arte Brasileira – passagens e permanências, com Paulo Couto
De 6 a 29, terças e quintas, das 19h às 22h

Dinâmica das cores – versão intensiva, com Bernardo Magina
De 6 a 15, terças e quintas, das 18h às 21h

Arqueologia do cotidiano – O acontecimento e o trivial como instrumento de produção em arte, com Fábila Schnoor
De 6 a 30, terças e sextas, das 14h às 16h

Caminhar: prática estética e política e..., com Lucas Icó
De 6 a 29, terças e quintas, das 19h às 21h
De 8 a 29, quintas, das 16h às 18h

Selfie, logo existo, com Paula Borghi e Beatriz Barros
De 6 a 15, terças e quintas, das 17h às 19h

Exposições em nova realidade – pensar e criar exposições em espaços virtuais, com Stella Paiva e Júlia Baker
De 7 a 28, quartas, das 19h às 21h

Pintura hoje: produção e mapeamento em tempo real, com Gustavo Matos e Bob N
Magia visual: o poder da imagem, com Nadam Guerra
De 7 a 28, quartas, das 19h às 22h

Experiências gráficas: narrativas cotidianas, com Bia Amaral e Giodana Holanda
De 8 a 29, quintas, das 18h às 20h

A fotografia brasileira e o modernismo – Fotorreportagem, com Denise Cathilina
De 6 a 27, terças, das 19h às 21h

Antotipo – Fotografia natural, com Denise Cathilina
De 8 a 29, quintas, das 10h às 13h

Tópicos de curadoria e montagem de eventos de arte, com Fernando Cocchiarale e Ivan Pascarelli
De 8 a 29, quintas, das 19h às 21h

Manual de instruções para perder-se numa floresta, com Patricia Alves Dias – Crianças de 7 a 10 anos
De 10 a 31, sábados, das 11h às 13h

Creativity Masterclass II – Mistério e Espanto, com Charles Watson
De 15 a 17, quinta, sexta e sábado, das 19:30h às 22:30h

Mais informações: <http://eavparquelage.rj.gov.br/cursos-on-line-de-ferias-2021/>



Smaïl Kanouté, *Never 21*

Foto Mark Maborough

22ª EDIÇÃO DO CENA
CONTEMPORÂNEA
acontece de 1º a 10
de julho em formato
totalmente virtual
e gratuito

O Festival internacional de Teatro de Brasília apresenta trabalhos inéditos de seis países em 10 dias de programação. Conta com a primeira apresentação de “Never Twenty-one”, do francês Smaïl Kanouté, e com a estreia no Brasil de obras como “Ana contra la muerte”, do uruguaio Gabriel Calderón, e “Reconciliação”, da portuguesa Patrícia Portela em parceria com o brasileiro Alexandre Dal Farra

O festival é um dos mais importantes eventos de artes cênicas no Brasil e nesta 22ª edição apresenta uma programação destinada a refletir questões fundamentais: identidade, respeito, democracia, memória, preconceito, afeto e revolução, sem perder o sentido do momento que o planeta está vivendo. E logo na noite de abertura será possível conhecer trabalhos do premiado dançarino, coreógrafo e designer francês Smaïl Kanouté, discorrendo, por exemplo, sobre a morte prematura de jovens negros nas cidades de Nova York, Rio de Janeiro e Johannesburgo, em *“Never 21”*, que ecoa a hashtag #Never21 do movimento *Black Lives Matter*.

Durante os dez dias do evento, serão exibidos trabalhos da França, Portugal, Chile, Peru, Uruguai e Brasil. Entre as obras, *“Ana contra la muerte”*, novo trabalho do premiado dramaturgo e encenador uruguaio Gabriel Calderón, que conta com três grandes atrizes do teatro do país. Também *“Hamlet”*, produção peruana que apresenta uma livre adaptação da clássica tragédia de Shakespeare, com elenco inteiramente formado por atores e atrizes com Síndrome de Down. Vale destacar ainda *“Reconciliação”*, coprodução Brasil-Portugal, que vem sendo trabalhada desde 2018, para falar de reconciliação como tentativa de aceitação de limites, de respeito às diferenças. No total serão 13 trabalhos, que oferecem um panorama dos principais temas espelhados pela arte contemporânea.

A programação será exibida gratuitamente, com estreias no site do festival – www.cenacontemporanea.com.br,

integrado ao canal YouTube do Cena Contemporânea. Basta clicar no link e assistir. Cada espetáculo poderá ser visto por mais três dias depois de sua estreia no canal do festival, exceto o último deles, *“Ana contra la muerte”*, que será exibido só até o domingo, dia 11, a partir das 17h.

O 22º CENA CONTEMPORÂNEA tem direção e curadoria de Guilherme Reis e conta com o patrocínio do FAC – Fundo de Apoio à Cultura da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do DF, Funarte e Iberescena, além do Apoio do Camões – Centro Cultural Português em Brasília e da Embaixada da França no Brasil.

O FESTIVAL

Identidade, memória, inclusão, futuro. Estes são temas que perpassam os trabalhos que integram a edição 2021 do CENA CONTEMPORÂNEA. Identidade com o sentido de alteridade é marca do trabalho do francês de origem malinesa Smaïl Kanouté, reconhecido como um dos mais inventivos e múltiplos artistas de sua geração. Dele, o festival apresenta cinco trabalhos: *“Never 21”*, *“Yasuke Kurosai, le samouraï noir au Japon”*, *“Jidust – pousière d’eau”*, *“Univers”* e uma prévia do espetáculo *“Never Twenty One”*, que Kanouté está apresentando presencialmente neste momento na França.

A memória que evoca biografias – como reconstrução e reconhecimento pessoal – e seu alcance político caracteriza as obras do chileno Mauro Malicho Vaca Valenzuela e da peruana Diana Daf Collazos. Malicho



Smaïl Kanouté, *Jidust – Pousière d'eau*

Foto: Antonin Fourneau

apresenta *“Reminiscencia”*, trabalho que será exibido em tempo real e para o qual faz uso de instrumentos virtuais como o *Google Maps* para aos poucos ir situando o espectador no universo a ser abordado, o da vida de seus avós e, como consequência, do próprio Chile. Já em *“Preludio”*, Diana Daf protagoniza uma obra que passeia do palco de um teatro aos locais marcantes da vida de seus antepassados para

investigar os silêncios que permanecem entre os povos da América Latina.

Mas memória também pode ser lembrar dos grandes sucessos do rock, explorando a poesia contida nas letras de composições assinadas por nomes como Bob Dylan, Lou Reed, Syd Barret, John Lennon e tantos outros, comprovando sua relevância política. Esta é a pro-



Malicho Vaca Valenzuela, *Reminiscencia*

Foto: Screenshot



Diana Daf, *Preludio – Acciones del silencio*

Foto: Still - diretor de fotografia Carlos Sánchez

posta de “*Estro-Watts – Poesia da Idade do Rock*”, do encenador português Gonçalo Amorim, à frente do Teatro Experimental do Porto.

Inclusão é a marca da obra “*Hamlet*”, da peruana Chela De Ferrari. O clássico shakespeariano é levado ao palco por um elenco completamente integrado por atores e atrizes com Síndrome de Down. Fruto de um processo colaborativo, em que os artistas foram se apropriando dos personagens e dando-lhes suas próprias palavras, “*Hamlet*” reflete, com grande rigor teatral, sobre reconhecimento, conferindo outras camadas ao teor político inerente ao texto.

Um olhar para o futuro e suas conjecturas – e para o presente com sua complexidade – está na raiz de trabalhos como “*Reconciliação*”, da portuguesa Patrícia Portela e do brasileiro Alexandre Dal Farra; de “*Estranhas*”, direção de Jonathan Andrade para ideia das atrizes Renata Soares e Beta Rangel; da encenação brasileira do clássico beckettiano (sempre atual) “*À Espera de Godot*”, dirigido por William Ferreira; de “*Solos para um corpo em queda*”, da atriz e performer Tatiana Bittar; e do novo trabalho do premiado uruguaio Gabriel Calderón, “*Ana contra la muerte*”, explorando os limites de conceitos como ética e moral.

Para trazer frescor e provocar muita risada, o CENA apresenta *“Exit”*, trabalho do *Cirque Inextremiste*, da França, que encena a tentativa de fuga de loucos de um hospício usando um balão de ar quente. Na mesma programação, o festival oferece uma compilação dos esquetes criados pela atriz Ana Luiza Bellacosta para as redes sociais em *“Uma palhaça confinada em Gaste sua lombra em casa”*. E para a criançada, exibição das novas produções do Canal Bebelume, especialmente dedicado à primeira infância.

As obras serão apresentadas sempre às 21h, com exceção do domingo, que será às 20h. No sábado, dia 3,

haverá também uma sessão para bebês, às 11h. Tudo no site e no canal Youtube do Cena Contemporânea. Além da programação artística, o 22º CENA CONTEMPORÂNEA irá apresentar debates e conversas que integram os *Encontros do Cena*, aprofundando temas como a relação cultural entre Brasil e países lusófonos, na perspectiva poética e artística; trabalhos criativos com pessoas com deficiência; a memória íntima e coletiva na *“América do Sul: memória, afeto e revolução”* e a violência presente no cotidiano de jovens negros de várias cidades do mundo.



Teatro Experimental do Porto - Portugal,
Estro-Watts - Poesia da idade do rock
Foto: João Duarte



Hamlet
Foto: Teatro La Plaza - chelo

PROGRAMAÇÃO

QUINTA, DIA 1º, 21H

“Smaïl Kanouté - Corpo e Identidade” – França
Never 21 (7 min); *Yasuke Kurosai, Le samourai noir au japon* (15 min); *Jidust – Pousière d’eau* (3:05 min); *Univers* (3:27 min); *Never twenty-one* (6 min)

SEXTA, DIA 2, 21H

“Reminiscencia” – Malicho Vaca Valenzuela – Chile

SÁBADO, DIA 3

11H – *“Inspira Fundo 2”* – Canal Bebe Lume – Clarice Cardell – DF/Brasil

21H – *“Reconciliação”* – Patrícia Portela e Alexandre Dal Farra – Portugal/Brasil

DOMINGO, DIA 4, 20H

“Exit” – Cirque Inxtremiste – França
“Uma Palhaça Confinada em Gaste sua Lombr em Casa” – Ana Luiza Bellacosta – DF/Brasil

SEGUNDA, DIA 5, 21H

“Solos para um Corpo em Queda” – Tatiana Bittar – DF/Brasil
“Estranhas” – Jonathan Andrade – DF/Brasil

TERÇA, DIA 6, 21H

“Estro-Watts - Poesia da Idade do Rock” – Gonçalves Amorim e Paulo Furtado – Teatro Experimental do Porto – Portugal

QUARTA, DIA 7, 21H

“À Espera de Godot” – William Ferreira – DF/Brasil

QUINTA, DIA 8, 21H

“Preludio – Acciones del Silencio” – Diana Daf Collazos – Peru

SEXTA, DIA 9, 21H

“Hamlet” – Chela De Ferrari – Peru

SÁBADO, DIA 10, 21H

“Ana contra la muerte” – Gabriel Calderón – Uruguai

Mais informações: www.cenacontemporanea.com.br



À Espera de Godot, Rodrigo Lélis
 Foto: Dammer Martins, Claraboia Filmes

DE *GULET* PELA CROÁCIA

Navegando a bordo de um gulet, típica embarcação de origem turca, reformada e transformada em embarcação de luxo, é uma experiência deliciosa

Texto e fotos: Antonella Kann
www.antonellakann.com
antonellak1954@gmail.com



Há alguns anos, recebi um e-mail da operadora inglesa *Sail Dalmatia* com um convite para navegar durante quatro dias na Croácia, a bordo de um *gulet*. Antes de aceitar, fui pesquisar que tipo de embarcação era aquela, incógnita não só para mim como para muita "gente do mar". Descobri que um *gulet* é um tipo de escuna de origem turca, toda em madeira, com dois mastros, e que pode variar entre 14 a 35 metros de comprimento. Em geral, as velas acabam sendo substituídas pelo motor.

De origem pesqueira e comercial, estão presentes no Adriático e no Mediterrâneo. No entanto, entraram na moda como embarcações para levar turistas a passeio e se transformaram em embarcações de alto luxo, projetadas especificamente para aluguel: adaptaram o interior, o convés e a popa, instalaram ar condicionado nas cabines, internet a bordo e reestruturaram os banheiros. Tudo se tornou ultra confortável e funcional.

Dona de 1185 ilhas, das quais apenas 47 são habitadas, a Croácia é a rota ideal para quem gosta de explorar mares pouco navegados a menos de duas horas de voo das principais capitais europeias.



Essa pequena República, com cerca de 5 milhões de habitantes, surpreendeu a todos por se tornar, em apenas duas décadas, o destino da moda para se passear de barco. E, no caso, a costa da Dalmácia, onde iríamos navegar, um dos litorais mais bonitos do Adriático.

Em início de outubro, o fluxo de turistas diminui muito naquela região. Mesmo assim, o avião que nos levou até Split, porta de entrada da maioria dos turistas que visita a Croácia, estava lotado. É que apesar de ser fi-

nalzinho de estação, a temperatura não cai para menos de 26º e a água fica ainda agradável para nadar. Um conselho: não leve todo o seu guarda-roupa para um cruzeiro, já que se passa o dia todo de roupa de banho; à noite, de shorts, bermudas, calças e camiseta.

O brilho da lua cheia ofuscava quando descemos da van que foi nos buscar no aeroporto. Diante dos olhos, reluzente devido a noite clara, o *Eleganza* ofuscava mais ainda. De porte imponente, este *gulet* de 26 pés foi

restaurado da proa à popa. Cinco cabines, sendo uma *master*, compõem a parte interna. Ainda tem uma ampla sala de estar, um convés com uma mesa grande onde servem todas as refeições, e uma proa com uma dezena de *daybeds* para descansar, relaxar e tomar sol.

Assim que chegamos, embora passasse da meia noite, a tripulação estava nos aguardando, e logo fomos apresentadas ao *chef*, ao imediato, ao marinheiro, e ao capitão Marco, um croata simpático e proprietário do barco. Vale um parêntese: os *gulets* costumam ser comandados pelos próprios donos, o que garante um atendimento muito mais personalizado. Eles se preocupam com os menores detalhes e fazem de tudo para agradar a clientela. Como estávamos com fome, serviram um leve jantar e logo nos indicaram as nossas cabines.

Levei um susto quando me deparei com uma acomodação de 11m², cama de casal, televisão e um banheiro azulejado (!) com pia e bancada, onde dava para tomar uma chuveirada como se estivesse em casa. Várias toalhas felpudas, armários de sobra para guardar a pouca roupa que tinha levado, gavetas e até um roupão!!! Era uma cabine de luxo, confortável e cheia de mimos.

A rotina a bordo de um *gulet* não difere muito de qualquer vida no mar: acordar cedo e, após um revigorante café da manhã, aguardar a chegada em algum porto ou baía para explorar a redondeza. Na primeira manhã, fomos à pitoresca ilha de Brac, onde o ritmo intenso da civilização ficou a milhas náuticas dali. O progresso

chegou, sim, mas com lojinhas de turistas, lembrancinhas típicas... De resto, os habitantes aderem a uma pacata rotina, e ficam preguiçosamente sentados na soleira de suas casas vendo a vida passar ou descansando em alguma *konoba* – taverna local.

Em Brac, alugamos um carro para fazer o tour da ilha. Normalmente, aluga-se lambreta, mas como éramos cinco, a melhor opção foi um conversível. Visitamos alguns pontos de interesse, como o cume mais alto do Adriático, de onde se vislumbra todo o panorama. Mais tarde acabamos relaxando na famosa praia de Bol, com direito a banho de mar em águas cristalinas. Na Croácia, a maioria das praias são de pedras. Mesmo assim, dá para curtir.





No segundo dia, o *Eleganza* nos levou até o agitado cais de Hvar, vilarejo famoso pelo seu castelo encravado no topo de uma colina. O centrinho, com ruelas estreitas, surpreende com uma profusão de lojas de grife num lugar tão pequeno. O dia estava com clima variável – chuva, sol, calor infernal e um céu muito azul para apreciar a vista lá de cima das muralhas. Naquela noite, fomos jantar num restaurante local.

Os pratos típicos da costa da Dalmácia não são muito variados. Nas ilhas com maior movimento, come-se razoavelmente bem, com praticamente tudo que se espera em lugares frequentados por turistas de várias nacionalidades. Fora isso, a opção se resume aos frutos do mar e peixe. Mas, pasme, este é sempre o item mais caro!

Vale ressaltar que o Adriático é lindo, porém longe de ser piscoso. Ou seja, eles botam na frigideira qualquer coisa que nade. Uma ressalva: não deixe de experimentar o delicioso *prsut* (pronuncia-se...na verdade, não! não tente pronunciar, pois os croatas na hora de criar seu alfabeto engoliram quase todas as vogais!). Mas saiba que se trata de um presunto defumado e um dos típicos produtos da Croácia.

A cidade de Hvar oferecia bastante movimento e promessa de vida noturna festiva. Para nós, bastou o jantar no Giaxa, onde o ambiente *cool*, a *piva* (cerveja) e os frutos do mar aqueceram os ânimos depois de uma chuvinha chata. Há quem prefira este agito à calmaria de ilhas menos frequentadas, como a bucólica Solta, onde anco-



ramos para a nossa penúltima noite. No minúsculo porto de Maslinica não havia movimento algum. Valeu, no entanto, a visita a um hotel boutique dos mais insólitos, o *Martinis Marchi*, antigo castelo de 1706, com diárias de até três mil euros! As acomodações, entretanto, podem chegar a 300 metros quadrados.

Na última noite jogamos âncora em Trogir, um ícone histórico do Adriático que atrai muitos turistas, pois se assemelha a Dubrovnik em miniatura. O fluxo de visitantes estava bem minguado, o que tornou agradável a nossa andança vespertina pelo cais. Embora o turismo tenha saltado para números astronômicos, a Croácia ainda se mantém um pouco tímida e arraigada às

suas tradições. A maioria dos habitantes não fala outro idioma, mas felizmente os cardápios são impressos em inglês, francês, alemão e espanhol.

No fim das contas, acaba dando tudo certo, pois existe boa vontade da parte deles e nada como alguma mímica e sorrisos para conseguir se comunicar. E, como são totalmente fanáticos por futebol, a simples menção de ser brasileiro é suficiente para desatar qualquer nó na comunicação e ser atendido com o máximo de simpatia croata. Porém, é preciso estar atento e prevenido quanto aos costumes locais: o comércio em geral abre em torno das 7h, fecha ao meio-dia e só reabre às 17h!



Em localidades maiores é possível encontrar bancos, casas de câmbio e caixas eletrônicos. A moeda local, o kuna, o euro e a maioria dos cartões de crédito são os meios de pagamento. Curiosamente, os bancos atendem até às 20h.

Para charter de *gulet* consulte a *Sail Dalmatia* www.saildalmatia.com





Foto: master1305 - br.freepik

“VINHOS COM ALMA” TRAZ
AO PÚBLICO BRASILEIRO
RÓTULOS COM PROPÓSITOS
E SIGNIFICADOS MARCANTES

Apreciar um bom vinho é uma experiência que vai além do olfato e paladar. Um vinho de boa qualidade, além de suas características físicas, costuma trazer uma história que certamente é componente primordial e determinante ao apreciar uma garrafa

Essa foi a motivação para a criação de um novo *e-commerce* de vinhos especiais que começa a operar no Brasil. A *Vitales Vinhos com Alma*, muito mais do que uma mera revendedora de vinhos em território nacional, surge com o propósito de levar ao público brasileiro vinhos com um significado marcante.

A começar pelo próprio nome. *Vitales* é a ordem taxonômica (para quem lembra das aulas de Biologia é uma boa!) à qual a uva pertence. “Com Alma” remete ao objetivo, do *e-commerce* que é disponibilizar ao público vinhos com propósito e história, normalmente de pequenas vinícolas que trazem conceitos especiais às suas produções, como uma forma de criar uma conexão entre o apreciador e o vinho degustado.

O foco é o consumidor de vinhos que quer comprar e receber bons produtos no conforto de sua casa. E a empresa buscou parcerias para ter um portfólio interessante e variado. Uma delas é a MMV, conhecida no mercado atacadista por também ser uma empresa que costuma garimpar vinhedos de porte menor e histórias marcantes. Jonas Martins, diretor da MMV, diz que a parceria com a *Vitales* vem em boa hora.

“Um e-commerce como a Vitales traz uma nova perspectiva ao mercado brasileiro por ter essa pegada mais intimista e abrir a porta para rótulos de qualidade que não têm aquela ‘pompa’ de vinhos mais famosos”, ressalta Martins.

No início, a loja virtual irá disponibilizar rótulos da Argentina, Portugal, Chile, Itália e Brasil. Porém, um dos objetivos é agregar mais vinhos brasileiros e também de outras regiões do mundo, como a África do Sul.

VINHOS COM PROPÓSITO

Dentre os vários rótulos oferecidos, dois vinhos ganham destaque na categoria “vinhos com propósito”. O primeiro deles é o *Krontiras Malbec Natural*, produzido pela Bodega Krontiras, de Mendoza, na Argentina, conhecida por ser uma vinícola



Foto: macrovector - br.freepik

biodinâmica que preza por uma série de conceitos naturais na produção de seus vinhos.

O *Krontiras Malbec Natural* é produzido a partir de vinhedos centenários de Luján de Cuyo. Além de trazer todo o peso dos Malbecs argentinos, apresenta peculiaridades como a colheita da uva, que é feita a mão, e o processo de fermentação em aço inox, com leveduras nativas e sem adição de sulfitos. O *Krontiras Malbec Natural* é um vinho indomado, com aromas de frutas escuras selvagens e um frescor em boca único, de corpo médio e agradável.

Outro vinho que é um passeio pela história e traz consigo uma energia centenária é o *Revoltosa Moscatel*, chileno poderoso entregue pela La Prometida, que tem um projeto independente de empoderar vinhos e produtores do legítimo vinho chileno. Este moscatel tem alma e respeito ao *terroir*. Produzido na região desértica do Itata, com uvas expostas 100% ao sol, os vinhedos são centenários e foram plantados no final do século XIX, aproximadamente em 1870.

A “*Vitales Vinhos com Alma*” também apresenta ainda kits promocionais, que serão vendidos com seleções de vinhos em torno de um tema e, no conjunto, cada garrafa ganhará um desconto. Por exemplo, o *kit Chardonnays do Mundo* conta com *Fortunatus Reserva Especial Chardonnay*, do Chile, *Cinco Sentidos Chardonnay Reserva*, da Argentina, o *Viapiana Chardonnay*, do Brasil, e o *Inserrata Intrigo Chardonnay*, da Itália.

No futuro, a ideia é que os clientes mais assíduos possam também montar as suas seleções de vinhos, e a loja irá ofertar por um determinado tempo rótulos com desconto.

Mais informações em <https://www.vitalesvinhos.com.br>



Krontiras Malbec Natural
Foto: Divulgação



Revoltosa Moscatel
Foto: Divulgação



SOPAS DE INVERNO: receitas práticas e especiais para “esquentar” os dias frios

Foto: freepik - br.freepik.com

O inverno chegou! E com as temperaturas mais baixas, as sopas cremosas e nutritivas são uma das melhores opções para esquentar o corpo e alma. Se as preparações tiverem queijo, melhor ainda. O sabor e a cremosidade de cada um deles tornam-se imbatíveis para satisfazer os paladares mais exigentes.

Para ajudar a aquecer as refeições da estação, a Tirolez, uma das principais produtoras de queijos do país, indica três receitas fáceis de fazer. As dicas rendem entre quatro e seis porções, e para tornar a experiência ainda melhor, capriche nos acompanhamentos. Você pode servir com torradas ou pães de sua preferência.



Fotos: Divulgação



Foto: Blog Ana Maria Braga

SOPA DE COUVE FLOR COM COTTAGE

Ingredientes

- 1 couve flor média
- 2 unidades de alho-poró
- 100g de queijo Cottage
- Sal e pimenta branca a gosto
- 1 colher (sopa) de azeite

Modo de Preparo

Cozinhe a couve-flor e o alho-poró picado em 500ml de água.

Tempere com sal e pimenta branca a gosto.

Bata a mistura no liquidificador com o caldo do cozimento, adicione o queijo e bata até ficar cremosa.

Volte à sopa para a panela para aquecer bem e finalize com o azeite.

SOPA CREMOSA DE QUEIJO

Ingredientes

- 3 colheres de sopa de manteiga
- 1 cebola
- 3 colheres de farinha de trigo
- 1 litro e meio de leite
- 150g de queijo parmesão cortadinho
- 200g de mussarela em cubos pequenos
- 1 copo de requeijão
- Sal e pimenta branca a gosto

Modo de Preparo

Frite a cebola na manteiga, polvilhe a farinha sobre a cebola já frita e mexa até ficar dourada.

Aos poucos, junte o leite e bata no liquidificador.

Volte a mistura para a panela, adicione os queijos e deixe ferver alguns minutos, o suficiente para os queijos derreterem. Junte o requeijão e mexa rapidamente para incorporar ao creme.

Sirva bem quente acompanhado de cubinhos de pão e salsinha.



Foto: Divulgação

SOPA DE CEBOLA FRANCESA COM TORRADA DE PÃO COM QUEIJO GRUYÈRE GRATINADO POR CIMA

Ingredientes

PARA O CALDO DE CARNE:

- 500 g de músculo
- 1 cebola cortada em cubos grandes
- 1 cenoura cortada em cubos grandes
- 2 talos de salsão cortados em cubos grandes
- 2 l de água

PARA A SOPA:

- 6 cebolas grandes cortadas em fatias finas
- Azeite de oliva extra virgem a gosto
- Sal a gosto
- Pimenta-do-reino a gosto
- 4 fatias de pão
- 2 xícaras (chá) de queijo Gruyère ralado

Modo de Preparo

Refogue os legumes do caldo até ficarem bem dourados e, em seguida, a água. Quando começar a ferver, abaixe o fogo e deixe cozinhar por 30 minutos. Depois peneire e reserve o caldo.

Para a sopa de cebola, refogue as fatias num fio de azeite, em fogo baixo, até ficarem bem douradas. Acrescente o caldo de carne e deixe cozinhar por 10 minutos.

Corrija o tempero com sal e pimenta-do-reino a gosto e divida a sopa em cumбуquinhas. Coloque a fatia de pão em cada uma delas com o queijo gruyère ralado por cima. Leve para gratinar e sirva imediatamente.



MASP APRESENTA INDIVIDUAL DE ERIKA VERZUTTI

Primeira exposição da artista paulistana em um museu brasileiro reunirá 79 trabalhos produzidos entre 2003 e 2021; mostra integra o eixo temático das Histórias brasileiras



Homeopatia Mondrian,
2020; acrílica sobre
alumínio reciclado,
Coleção particular
Foto: Eduardo Ortega

O MASP abre dia 2 a exposição *Erika Verzutti: a indisciplina da escultura*, com curadoria de Adriano Pedrosa, diretor artístico do MASP, e André Mesquita, curador da instituição. A mostra faz parte do biênio das *Histórias brasileiras*, foco da programação do museu em 2021 e 2022. Neste ano, todas as exposições do MASP são de artistas mulheres: Conceição dos Bugres, Maria Martins, Gertrudes Altschul, Ione Saldanha, Ana Pi, grupo Teto Preto, Regina Vater, Zahy Guajajara e Dominique Gonzalez-Foerster, além de Verzutti.

Erika Verzutti: a indisciplina da escultura reúne 79 trabalhos, entre esculturas e relevos de parede, produzidos entre 2003 e 2021 – a obra *Torre de cacau* é inédita, desenvolvida por ela em 2021. As obras escultóricas de

Verzutti criam associações entre elementos reais e objetos cultuados como símbolos ancestrais e de valor ritualístico, flertando com a arqueologia, a monumentalidade das esculturas totêmicas e as formas orgânicas da natureza e dos corpos. Para produzir suas esculturas, a artista utiliza materiais diversos como papel machê, bronze, plástico, gesso, cimento e isopor.

Os trabalhos de Erika Verzutti apresentam-se em uma linha tênue entre a realidade e a ficção. Suas obras fazem referência direta a outros artistas, por meio de títulos, forma ou conceito, e, simultaneamente, dialogam com o cotidiano das novelas, tutoriais na internet e vídeos nas redes sociais.



Da esquerda para a direita: Núcleo Devir- animal, *Cisne com Martelo*, 2013, bronze e martelo, Coleção particular Foto:Eduardo Ortega; Núcleo Vereda Tropical, *Turtle Modern*, 2007, bronze e plasticina, Coleção particular Foto:Denise Andrade; Núcleo Metáfora do mundo, *Egg Tower*, 2013, bronze, casca de ovo, concreto e cera, Coleção particular Foto:Eduardo Ortega



De cima para baixo: Núcleo Totemizar o tabu, *Vênus Liberezeusmamilos*, 2017, papel machê e poliestireno, Acervo Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, doação da artista Foto:MASP; Núcleo Modernismo selvagem, *Brasília*, 2010, bronze e acrílica, Coleção particular Foto:Eduardo Ortega

Daí vêm a indisciplina, segundo Mesquita, que inspirou o nome da exposição. Tudo que está ao redor de Verzutti torna-se referência, mas sem nenhum tipo de hierarquia.

Além disso, “*embora ela dialogue com preceitos fundamentais da escultura, como a sensorialidade e a forma, ela consegue reatualizar tal prática, apresentando, por exemplo, a abstração em elementos da natureza, causando no espectador uma estranheza. Verzutti convida para um olhar mais atento para suas esculturas, que não podem ser decifradas de cara, e convida também para um mergulho interno na busca por respostas*”, diz Mesquita.

SETE NÚCLEOS

A exposição está dividida em sete núcleos: *Devir-animal*, *Vereda tropical*, *Metáfora do mundo*, *Totemizar o tabu*, *Modernismo selvagem*, *Sob o sol de Tarsila* (e outras histórias) e *Estranho-familiar*.

Devir-animal reúne as esculturas dos animais de Verzutti, como *Cisne com martelo* (2013), que exibe a frase: “*a arte não é um espelho para refletir o mundo, mas um martelo para forjá-lo*”, do poeta russo Vladímir Maiakóvski (1893-1930).

Em *Vereda Tropical* são apresentadas as esculturas articuladas com base em elementos encontrados na natureza, como plantas, frutas, pedras e minerais, enfatizando a união ou organização desses elementos em termos ritualísticos ou como objetos carregados de memória.

O núcleo *Metáfora do mundo* traça relações de afinidade com os núcleos *Devir-animal* e *Vereda Tropical*. O elemento principal das esculturas expostas é a presença do ovo como um objeto renovado em diversas obras e como metáfora do mundo.



Da esquerda para a direita: Núcleo Sob o sol de Tarsila (e outras histórias), *Tarsila com Koons*, 2015, bronze e acrílica, Cortesia Fortes D'Aloia & Gabriel; Núcleo Estranho-Familiar, *Esperança*, 2020, acrílica sobre alumínio reciclado, Coleção particular

Fotos: Eduardo Ortega

Já *Totemizar o tabu* conecta grupos de esculturas que impactam pela força do feminino, da sexualidade e do erotismo.

Modernismo selvagem é composto por uma famosa família de esculturas feitas em bronze e em forma de jaca. Elas receberam o nome de *Brasília* e propõem uma captura intuitiva das linhas e dos planos associados à arquitetura dos edifícios de Oscar Niemeyer (1907-2021) e Lúcio Costa (1902-1998). “Quando fiz o primeiro corte, senti como se estivesse atacando algo selvagem. Pensei que essa era uma imagem bem da arquitetura brasileira, aquele corte exato, moderno!”, conta a artista.

Sob o sol de Tarsila (e outras histórias) baseia-se nas tramas e conexões entre o trabalho de Verzutti e referências a obras de artistas canonizados pela história da arte. Ela revisita esses artistas fazendo um movimento que consiste em deslocar, recombina ou transmutar as cores e elementos visuais dessas obras, emaranhando e profanando os fios entre histórias da arte, natureza e fenômenos contemporâneos.

Estranho-familiar é o núcleo que organiza a produção mais recente da artista com seus híbridos entre pintura e escultura, criados entre 2011 e 2020, e denominados “relevos de parede”.

Verzutti, que completou 50 anos em 2021, nasceu e vive em São Paulo. É graduada em desenho industrial pela *Universidade Presbiteriana Mackenzie* (1991), com mestrado em *Fine Arts pela Goldsmiths – University of London*. Verzutti também participou de cursos livres ministrados por artistas como Leda Catunda, Carlito Carvalhosa e Sérgio Romagnolo.

SERVIÇO

Erika Verzutti: a indisciplina da escultura

2/7 – 28/11/2021

Avenida Paulista, 1578, São Paulo, SP – (11) 3149-5959

Horários: terça, das 10h às 18h, quarta a sexta, das 12h às 18h; sábado e domingo, das 10h às 18h.

Gratuidade: nas terças-feiras, a entrada é gratuita. No mês de julho haverá gratuidade também às quartas-feiras.

AMIGO MASP tem acesso ilimitado, mediante agendamento no site do museu. Menores de 11 anos não pagam, assim como pessoas com deficiência física com um acompanhante.



O OLHAR FEMININO NAS GALERIAS DE LONDRES

*Nos últimos dias, decidi visitar
mostras de mulheres artistas exibidas
em Londres. Seus trabalhos,
de diferentes épocas, técnicas
e abordagens, adicionam capítulos
especiais à história da arte*

Maria Hermínia Donato

De cima para baixo: Eileen Agar, *Erotic Landscape (Paisagem Erótica)*, Coleção privada, Foto: Doug Atfield, Patricia Leite, *Vênus*, Foto: Maria Hermínia Donato, Lygia Clark, *Bicho Linear*, Coleção privada, Foto: Galeria Cecilia Brunson Project

Minha primeira opção foi *Angel of Anarchy (Anjo da Anarquia)*, de Eileen Agar. A mostra está na galeria Whitechapel, que foi inaugurada nos anos 1930 na região Oeste de Londres, na época um local de grande diversidade de culturas, para trazer arte internacional à população menos favorecida.

A área, apesar de ser no momento o lugar “cool” de Londres, continua com sua demografia diversa e a galeria com sua essência de trazer arte para todos. Artistas brasileiros como Tunga (1989), *Lines from Brazil* com Varejão, Grinberg e Nogueira (1997) e *Oitica Quase Cinema* (2002) são alguns dos exemplos.

Meu primeiro contato com a obra da argentina Eileen Agar foi um filme onde ela se mostrava como modelo passeando pelas ruas de Londres, usando o chapéu/objeto *The Ceremonial Hat for Eating Bouillabaisse (O Chapéu Cerimonial para Comer Bouillabaisse)*. Cofun-

dadora do *Grupo Surrealista Britânico*, muitos acham ser este o seu verdadeiro trabalho surrealista.

Eileen Agar nasceu em 1899 em Buenos Aires, criada num ambiente internacional (pai escocês e mãe americana), glamoroso e excêntrico. Ela se lembrava dos jardins exóticos, pegando pêssegos no verão, mas é o vento e os gafanhotos que voltam a sua memória ao falar sobre a Argentina.

A artista era uma criança rebelde e aos seis anos seus pais a mandam sozinha para estudar num colégio interno na Inglaterra. Li que talvez as suas longas viagens, entre os dois países pelo Atlântico, tenha despertado seu interesse pelo universo marinho. Seus estudos de arte tiveram início em 1920, em diferentes escolas.

Motivada pelos professores, foi aceita na *Slade School of Art* que até hoje mantém a fama de ser uma das me-



Da esquerda para a direita: Eileen Agar, *Autobiografia de um embrião (Autobiography of an embryo)*; *Marine Object (Objeto marinho)*

Fotos: Maria Hermínia Donato



lhores da Inglaterra. Agar mostra um interesse pelo *avant-garde* e desenvolve seu trabalho pelo interesse simultâneo da lógica e idealismo do Cubismo e da sensualidade e irracionalidade do Surrealismo.

O mundo da Natureza está presente em suas fotografias, esculturas, colagens e pinturas. Para ela, um mundo antropomórfico. Os artistas surrealistas garimpavam os mercados de pulga para achar objetos; Eileen, entretanto, passeava pelas praias encontrando objetos deixados pelo mar.

Foi a única artista inglesa a fazer parte da *Exposição Surrealista Internacional* em 1936, Londres. E fez o seguinte comentário a respeito de sua escolha: *“Um dia eu era uma artista explorando minhas combinações de forma e conteúdo, no dia seguinte fui calmamente informada que era uma surrealista”*. A exposição de 1936 traz o Surrealismo para Londres com Roland Penrose e David Gascoigne, vindos de Paris. Agar os conhecia devido sua ligação com o pintor Paul Nash.

Sua habilidade de criar uma conexão entre dois objetos que não se relacionam é visível nas suas esculturas, pinturas e colagens. A sensação é que os objetos a encontram e ela vê neles seu potencial escultórico. Uma séries fotografias tiradas de grandes pedregulhos se transformam em desenhos. As esculturas pertencem a natureza, a artista só as imortaliza no papel.



Eileen Agar, *Três símbolos*
(*Three symbols*)

Foto: Maria Hermínia Donato

As colagens de Eileen tiveram início nos anos 1930. Uma técnica do surrealismo que ela usou em todos 70 anos de sua vida artística. As chamava de *the mother of mobility* (a mãe da mobilidade, mudança), e dizia que para ela eram *“um deslocamento do banal pela intervenção fértil do acaso ou coincidência”*.

Sua independência, inventividade e habilidade de experimentar novas técnicas de maneira lúdica, sem estar presa a movimentos, mostra que ela sempre esteve à frente do seu tempo. *“Ela tem uma voz única, se estivesse viva estaria gritando ainda mais alto e todos a ouviriam”*, afirma minha amiga, a artista Anastasia Lewis, quando conversávamos sobre a exposição.

Eileen Agar morreu em 1991 e muitos trabalhos foram encontrados no seu estúdio. Uma prova que ela nunca parou.

www.whitechapelgallery.org

ARTE BRASILEIRA

Outra mostra que recomendo é *Caninana*, de Patricia Leite, na Galeria Thomas Dane, em Mayfair, onde a artista apresenta uma nova série de pinturas a óleo inspiradas na paisagem da Barra do Una em São Paulo. Um local de grande beleza natural com abundante flora, fauna, cachoeiras e paisagens marinhas.

Como um diário ou um livro de memórias, seus trabalhos, através de referências da pintura de paisagem e arte pop, revelam sua linguagem pessoal. Ela usa cores

fortes, como o verde da floresta tropical e azul do céu noturno que, adicionadas à abstração, retratam este mundo em diferentes níveis de intensidade.

Patrícia usa fotografias de viagens ou imagens extraídas de vídeos no processo da criação das pinturas. Trabalhando em painéis de madeira, as camadas de materiais e cores confrontam o público por meio de sua abstração e vibração, com paisagens imaginárias que transitam entre a representação, o imaginado e o real.

Patricia Leite (Belo Horizonte, 1955) vive e trabalha em São Paulo. As suas obras integraram exposições coletivas institucionais como *Mínimo, múltiplo, comum*, Estação Pinacoteca, São Paulo (2018); *Aprendendo Com Dorival Caymmi Civilização Praieira*, Instituto Tomie



Da esquerda para a direita: Patricia Leite, *Saudade do Brasil II* e *Noite de Lua cheia*

Fotos: Maria Hermínia Donato

Ohtake, São Paulo (2016); *The Circus as a Parallel Universe*, Kunsthalle Wien, Viena (2013); *Outra Praia*, Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte (2005).
www.thomasdanegallery.com

Por último, me encantei com a exposição *O Século das Mulheres – Perspectivas Femininas na Arte Brasileira*, com a curadoria de Kiki Mazzucchelli, na galeria Cecília Brunson Projects, em Bermondsey, perto da *Tower Bridge*. As obras selecionadas destacam o papel das mulheres no desenvolvimento da arte moderna e contemporânea no Brasil.

A coletiva reúne obras de artistas de diferentes gerações e que abrangem diversos movimentos e estilos, incluindo Tarsila do Amaral (1886-1973), Eleonore Koch (1926-2018), Lygia Pape (1927-2004), Lygia Clark (1920-1988), Miriam Inez da Silva (1937-1996), Beatriz Mihalhes (n. 1960) e Adriana Varejão (n. 1964).

Falando sobre a mostra, Cecilia Brunson afirma que “*The Women's Century - Female Perspectives in Brazilian Art*” reúne pela primeira vez no Reino Unido um pequeno, mas extraordinariamente significativo grupo de obras de algumas das mulheres que desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento da arte moderna e arte contemporânea no Brasil, ao lado de artistas contemporâneas que estão trabalhando hoje”. Cecília também menciona que a exposição trouxe novos clientes para

a galeria, entre os quais acadêmicos interessados na História da Arte Brasileira e colecionadores.

www.ceciliabrunsonprojects.com



De cima para baixo: Tarsila do Amaral, *Composition (Figure)*; Adriana Varejão, *Carnívoras Brancas* Fotos: Galeria Cecília Brunson Projects

OXIGÊNIO

revista

Aqui você só encontra notícias boas
Revista mensal, online e gratuita

SOLICITE NOSSO MÍDIA KIT
oxigeniorevistabr@gmail.com

